Quinta-feira, 25 de fevereiro de 1886

A EPOCA

MEMORIAL DOS ACONTECIMENTOS DA SEMANA

2.º ANNO

ASSIGNATURA
Por anno, em Aveiro . . . . . 1$000 réis
Reino, ilhas, ultramar e Brazil accresce o custo da estampilha.
Numero avulso . . . . . 30 réis
Publica-se ás quintas-feiras

PROPRIETARIOS — MELLO FREITAS & MELLOS GUIMARÃES

REDACTOR LITTERARIO — MELLO FREITAS

PUBLICAÇÕES
Annuncios por linha . . . . . 20 réis
Repetições . . . . . 10 »
Communicados, por linha . . . . . 30 »
Aos assignantes abate-se 20 p. c.
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redacção, Rua Direita, 91—AVEIRO

N.º 4

Aveiro

A BARRA DE AVEIRO

O melhoramento das barras dos rios é muito difficil de conseguir, e apesar dos projectos mais bem estudados por distinctos engenheiros e meios de execução empregados com toda a efficacia e acerto, os resultados tem sido muitas vezes nullos ou insignificantes, ficando-se quasi sempre muito aquem do que se esperava. Poucos principios geraes e seguros ha sobre esta materia, a theoria e a experiencia são pouco claras e definidas sustentando ainda hoje grandes capacidades opiniões diversas, difficeis de conciliar.»

Consulta do conselho de obras publicas de 4 de maio de 1859, a respeito da barra de Aveiro.

«Ora nós por nosso turno definiremos a hydraulica — a sciencia da acção e movimento das aguas em que muito se erra e pouco se acerta.»

Trecho de um artigo ácerca da barra d'Aveiro publicado pelo sr. engenheiro Araujo e Silva na «Locomotiva» em 1863.

DEDICATORIA

Não cubiçamos fazer polemica com ninguem. Apontamos factos, assignalamos occorrencias, amontoamos dados historicos e quem tiver claridade de espirito para comprehender, que estude e reflicta sem preconceitos.

Escrevemos unicamente para as pessoas de boa fé, que, n'esta materia desejem esclarecer-se, não movidas pelo odio ou pelo affecto.

Amigo particular de s. ex.ª o sr. Silverio Augusto Pereira da Silva, coronel de engenheiros e director das obras publicas d'este districto, encarregado da direcção das obras da barra de Aveiro—tenho a honra de offerecer-lhe como prova de muita consideração e sympathia este pequeno estudo, que só desejo sirva de prevenção a incautos e de veneno a ignorantes e maldizentes.

ENGENHEIROS SUCCESSIVAMENTE DESACREDITADOS NAS OBRAS HYDRAULICAS DA BARRA D'AVEIRO DESDE 1756 ATÉ 1808

A barra de Aveiro, em 1326, era visitada por navios e mercadores estrangeiros *afóra os baixeis e pinaças nacionaes* (documento da Camara do Porto citado por Marques Gomes).

Que em 1492 esse commercio redobrára, prova-se por Garcia de Rezende, Chronica de D. João II, cap. 145.

Nos seculos 15 e 16 a praça de Aveiro figurou como porto maritimo de bastante consideração e tanto que, a acreditarmos historiadores e geographos, armou annualmente 60 navios para a especulação da pesca do bacalháo nos bancos da Terra Nova e contava um total de mais de 150 embarcações proprias. A cidade tinha então 12 mil habitantes e 2500 fogos.

O tempestuosissimo inverno de 1575 parece ter sido o signal do retrocesso d'esta terra porque se em 1578 ainda armou navios de guerra, e navios para a pesca, é certo que a barra começou a apoucar-se, a difficultar-se e a embaraçar-se n'uma instabilidade constante de direcção, de sitio e de baixios.

D. Pedro II mandou em 1685 dois engenheiros italianos para estudarem a abertura da barra no areal de S. Jacintho, mas nada se fez.

Em 1756 o governo tendo em attenção as representações dos officiaes da Camara, Nobreza e Povo da Villa de Aveiro ordenou que o engenheiro Carlos Mardel désse o plano dos melhoramentos a tentar, visto que não *podia entrar nem sahir o mais pequeno barco*. Nada se conseguiu.

Em 1758 foram encarregados de serviço identico Francisco Jacintho Polchet, com seu adjunto Luiz d'Alincourt, e o sargento-mór engenheiro Francisco Xavier do Rego, com seu adjunto Adão Venceslau Hedes, acompanhados pelo Desembargador da Relação do Porto Manuel Gonçalves Miranda e pelo capitão-mór João de Sousa Ribeiro. Fizeram obras no rigueirão da Vagueira, que, se restituiram alguma salubridade ao paiz circumvisinho, é certo que não tiveram permanencia, desapparecendo promptamente os seus vestigios.

Em 1777 veiu em commissão á barra o tenente-coronel engegenheiro Guilherme Elsden com o capitão do mesmo corpo Isidoro Paula Pereira e ajudante do mesmo corpo Manuel de Sousa Ribeiro sem que se colhesse nenhum resultado d'esta diligencia.

Em 1780 abortaram os planos e projectos do architecto hydraulico italiano João Isepi para fixar a barra na Vagueira. Depois de enormes despeza a barra tornou a fugir para perto de Mira.

Em 1781 mandou Sua Magestade ao desembargador superintendente das obras da barra Francisco Antonio Gravito que patenteasse as plantas, obras e machinas ao lente de Coimbra José Monteiro da Rocha para este dar o seu parecer sobre a materia. Parece que foi d'este estudo que adveio o suspenderem se em 1783 os trabalhos do engenheiro Isepi.

Em 1788 ordenou-se que o marechal de campo Guilherme Luiz Antonio Valleré com dois officiaes ajudantes fizesse exame circumspecto ao estado da barra sendo incumbidos de darem solução ao problema. Contudo d'este exame nada resultou.

Em 1791, e sómente para se abrir escoante ás aguas pestilenciaes da ria, visto que se *não ousava tentar abrir a barra para navios como cousa summamente difficultosa, e mais do que se pensava* (documento produzido por Luiz Gomes de Carvalho), foram sob plano do professor hydraulico Estevão Cabral, encarregados Nuno de Faria da Matta, provedor que servia de superintendente, e engenheiro Luiz de Alincourt de formarem um córte nas dunas a meio quarto de legua para o sul da capella de S. Jacintho. Sem embargo de tantos trabalhos e disvelos tudo foi baldado, malogrando-se as despezas effectuadas.

Estas tentativas infelizes em que a natureza escarnecia dos homens precederam os trabalhos de Oudinot e Luiz Gomes em 1802, sendo este ultimo que, alfim, vingou dotar Aveiro em 1808 com uma barra estabelecendo-lhe permanencia.

INTRIGAS VELHAS

Discordias anteriores a 1802 — Queixas de Oudinot — Atribulações do superintendente Verney—Castigo de João Rangel de Quadros — Um aviso regio de 1802 que desvia malquerenças — Outro de 1803 sobre a mesma materia — A impaciencia e a desconfiança do povo em 1806, e sua intervenção estupida e funesta — Abertura definitiva da barra proxima da capella de S. Jacintho.

Esta barra d'Aveiro tem sido fertil desde os trabalhos da sua abertura em intrigas de todo o genero, e em apreciações falsas. Vamos provar já a proposição que aventamos:

Em 2 de janeiro de 1802 baixou ordem ao brigadeiro Reinaldo Oudinot e ao sargento-mór Luiz Gomes de Carvalho, para elaborarem um plano de abertura de uma nova barra visto que a da *Vagueira* se convertera n'um rigueirão insufficiente para a vasão das aguas da ria, com grave prejuizo, não da navegação porque essa não se fazia, mas da salubridade de todas as povoações marginaes á estagnação das aguas de toda a mesma ria.

Pois, logo a 27 de fevereiro de 1802, dizia Oudinot para o governo enviando-lhe o plano das obras a executar: «os resultados dos esforços tentados em tempos anteriores foram sempre infelizes tanto por falta de methodo nos planos projectados *como pela intriga das pessoas interessadas sinistramente para que não tivesse effeito o fim da obra*. Porém este segundo mal, ainda quando appareça, a politica e poder do ministerio saberão evitar seus effeitos.»

O superintendente das obras do porto, João Carlos Cardoso Verney, nomeado em 20 de novembro de 1801 depois de ter sido muitos annos provedor da comarca, tinha influencia no governo e o aviso regio de 16 de março de 1802 com referencia ás intrigas assanhadas da terra exarava:

«Devo assegurar-lhe que sendo Sua Alteza Real, como é, inaccessivel a todo o genero de intriga, pode V. M. estar bem persuadido que o nosso Augusto Senhor o hade proteger em quanto o seu zelo e a sua actividade e amor pelo real serviço forem tão evidentes na real presença quanto o são actualmente.»

O aviso regio de 1 de outubro de 1802 (vá-se notando que tudo isto succedeu logo no primeiro anno dos trabalhos da abertura da barra) tinha o seguinte trecho:

«E' Sua Alteza Real servido que intimando v. ex.ª ao sobredito tenente João Rangel de Quadros a desapprovação de Sua Altesa por semelhante procedimento o mande v. ex.ª prender por 15 dias.»

Este documento prova as desintelligencias asperas, a inveja e os ciumes de Verney, que queria intrometter-se no que não sabia, porquanto este Rangel de Quadros foi depois a 7 de janeiro de 1809 nomeado governador do Forte da nova barra, posto em que se conservou até 1825.

O aviso regio de 28 de dezembro de 1802 (note-se ainda este anno!) tem este paragrapho edificante: — «Quanto ás obras da barra levarei *tudo* á Real presença, e informarei a Sua Alteza Real do estado veridico das mesmas prevenindo-o assim contra as falsidades que seguem a *intriga* a *má fé* e os *odios particulares* esperando e desejando muito que o resultado abone a obra e com a utilidade visivel faça cahir de vergonha aos que a quizeram impedir.»

O aviso regio de 28 junho de 1803 allude ainda á malevolencia e á tolice indigena esperando ver as obras coroadas de bom exito «*não só para bem do Estado, mas igualmente para confusão dos intrigantes e mal intencionados.*»

O aviso regio de 14 de dezembro de 1803 mandou Reinaldo Oudinot em commissão para a ilha da Madeira, onde falleceu em fevereiro de 1807.

Em 9 de março de 1806, os povos *hombreados* (textual) pelo governador das justiças da Relação do Porto, fartos de esperar pela conclusão das obras (vão advertindo os leitores como as impaciencias actuaes são uma repercussão das antigas) assaltaram os trabalhos e obrigaram Verney e Luiz Gomes de Carvalho *contra vontade* a tentarem a immediata abertura da barra.

As innundações de fevereiro e março de 1808 produziram uma excitação formidavel na cidade e povoações circumvisinhas e a muito custo com promessas e esperanças pôde Luiz Gomes deter um novo ataque ás obras dispendiosas que se tinham realisado, até que afinal em 3 de abril d'aquelle mesmo anno, com afortunado successo, se effectuou o rompimento final das areias, lançando-se impetuosa a agua da ria sobre as vagas do Oceano n'um desnivel de mais de 2 metros.

Creio que não resta já duvida a ninguem das numerosas cabalas, intrigas, e calumnias que acompanharam os seis annos dos trabalhos da abertura da barra. Os documentos officiaes archivados não admittem possibilidade de controversia.

Depois de aberta a barra paráram porventura as queixas, os despeitos, os vituperios?

Isso sim. Confundidos os zoilos pelo feliz successo inesperado foram crescendo de raiva.

Prisão de Luiz Gomes em 1823

Estranha pega de serviços—Quem era Luiz Gomes — Homenagem de Sua Alteza Real — Informação curiosa da camara, extrahida do respectivo livro das actas —Razões porque o povo e magnates embirraram com Luiz Gomes—Almondega de critica e tolices — Como hoje ao sr. Silverio A. Pereira da Silva, increpa-se então a Luiz Gomes o fazer *obras desnecessarias e casas no paredão* —81 assignaturas diversas.

O povo por ignorancia, e os invejosos por aleive provocaram e amontoaram taes dissabores a Luiz Gomes de Carvalho, que achando-se elle em 1823 á testa das obras foi preso pela Camara de Aveiro e remettido para o Porto.

Ha um documento irrefragavel d'este estranho modo de recompensar serviços n'um paiz devastado por epidemias, morto para o commercio, agonisante para a vida nacional.

Luiz Gomes, genro do brigadeiro Reinaldo Oudinot, desde 1803 dirigiu as obras da nova barra, e era homem de tal merecimento que em julho de 1808 foi nomeado Quartel-Mestre-General e commandante dos engenheiros do exercito de operações em toda a campanha contra os francezes até á restauração de Lisboa e do Reino, em 1809 serviu na mesma qualidade no exercito de observação das provincias de Traz-os-Montes e Beira, e em 1810-1811 como commandante dos engenheiros do exercito do Norte.

Por aviso de 24 de outubro de 1811 declarou-lhe Sua Alteza Real que Luiz Gomes pelos seus trabalhos da barra *merecia a Sua especial e Real Protecção.*

Como pagaram aqui a este homem? Prendendo-o, descompondo-o, e desacreditando-o.

A malevolencia e a ingratidão para com os engenheiros-directores das obras hydraulicas da ria vem já de muito longe.

Convocada nobreza e povo para que a Camara por ordem d'El-rei e a requisição do Governador do

Porto informasse o governador interino da cidade João Rangel de Quadros, e o corregedor da comarca José de Vasconcellos Teixeira Lebre ácerca dos motivos da prisão de Luiz Gomes, a camara em sessões de 21 e 23 de julho de 1823 allegou em defeza:

1.º—que a amisade do coronel de engenheiros com as auctoridades demittidas, Provedor, Juiz de fóra, e commandante do batalhão de caçadores, levou o publico a acreditar que elle era mais affecto ao regimen constitucional do que ao absoluto;

2.º—que o povo o desestimava por causa das obras da barra. Façamos a transcripção textual:

«E que quanto aos trabalhos hydraulicos elle *tem estragado o canal da Barra pelas indiscretas* operações que no mesmo tem mandado construir, não mostrando adhezão alguma para com os habitantes d'esta cidade, desde a epoca em que ficou inteiramente encarregado da direcção da mesma obra pela retirada do brigadeiro Reinaldo Oudinot para a Ilha da Madeira. A este illustre varão de quem as dignas memorias serão eternas nos Aveirenses é aquelle a quem Aveiro é devedor de serviços importantes, pelo insigne projecto que emprehendeu para a abertura d'aquelle canal, cujos trabalhos estando em andamento, e já vencida a maior difficuldade, qual a da tapage do rio chamado a calle da Senhora, foi elle mandado por El-Rei Nosso Senhor para Ilha da Madeira, ficando desde então como primeiro engenheiro, que era até ali segundo, e encarregado de toda a direcção o dito Luiz Gomes de Carvalho. Este director bem longe de continuar com aquelles adiantados trabalhos conforme o plano do dito Oudinot, *entrou a fantasiar, já construindo meias-laranjas, já casas sobre o paredão, obras que desgraçadamente antes de concluidas eram desfeitas pelas aguas,* porque tendo desamparado o principal que era a solidez e continuação do mesmo paredão, elle se entretinha apenas com obras, que sendo imaginarias na sua existencia eram reaes pela grande despeza que causavam ao cofre, inutilisando por consequencia aquelles fundos que deviam ser applicados no adiantamento, e utilidade da obra para que foram offerecidos. D'aqui resultou que estando as aguas estagnadas por não poderem continuar no giro natural, visto achar-se já quasi tapado o rio velho, ser por isso mesmo Aveiro continuamente innundado tornando-se muitas exalações putridas, que evaporavão as mesmas aguas, o flagello e inteira desgraça dos habitantes, dos quaes uma grande parte foi victima das muitas molestias, que então cauzaram as mesmas putridas exalações. Duron alguns annos este flagello, e sendo talvez pela Divina Providencia ouvidos os clamores dos povos de toda esta comarca, permittiu ella que em abril de 1808 as aguas quasi por si mesmas rasgassem a areia e corressem com tanta impetuosidade para o mar, que em menos de vinte e quatro horas se viu Aveiro desalagado e o canal aberto com profundidade para a entrada de navios de qualquer lóte. Se d'aqui em diante elle havia de continuar com a solidez e alargamento do paredão, trabalhos estes que só elles firmariam a existencia do canal; pelo contrario emprehendeu outras obras secundarias, sendo uma d'ellas o celebre caes do Alboi, que não offerecendo utilidade alguma observa-se moderno e já arruinado, servindo sómente de esgotar o cofre e *grangear ao seu auctor um nome, que em todos os tempos será triste e horroroso.*

«Emprehendeu a abertura do rio novo, e d'esta obra diga a comarca quaes são os beneficos resultados que seus povos já gozam! A limpeza do caes que antes de junho de 1822 tantas vezes foi começada e nunca concluida, demonstrou assaz a pouca energia de seu director, que escandalosamente parecia tractar de resto o povo d'esta cidade.

«Entretanto a obra principal, por isso que era quasi desamparada e entregue á descripção annunciava uma ruina proxima. As aguas, que correndo do Norte a Sul e pelo embate que fazem no paredão tomam *o giro digo tomam* um giro obliquo do sul a norte, viriam com o andar dos tempos, segundo a experiencia havia mostrado, a tomar um giro diverso, esperando-se que fosse quazi uma via recta de nascente a poente, tornando-se então a Barra magnifica pela sua facil entrada e sahida dos navios. Todos estes fins se conseguiam se o paredão estivesse consolidado e em altura tal que as aguas não o salvassem para o rio velho. Parece que a propria natureza demonstrava pelo rasgo que fazia nas areias do norte, que por ali deveria ser o verdadeiro e duravel canal, e que trabalhando ella por este lado, devia a arte operar pelo outro, firmando melhor o paredão, e alteando para impedir a passagem das aguas. Mas não, a hydraulica do actual Engenheiro foi opposta inteiramente a estas demonstrações; *estabeleceu grossos dentes de pedra e faxina nas mesmas areias do norte,* com os quaes impedindo aquelle rasgo natural das aguas, estas se dirigiam com mais valentia ao paredão, que por fraco e arruinado succumbiu em grande parte, achando-se presentemente quasi ou talvez sem remedio, ainda mesmo que se lhe accuda com promptidão e energia. Assim mesmo os Aveirenses soffreriam *tão grado digo soffreriam* de bom grado todos os sacrificios se observassem que algum rezultado util lhes compensaria seus incommodos, porém sendo o fim de trabalhos inuteis a inutilidade dos mesmos trabalhos, é certo que continuando Luiz Gomes de Carvalho a dirigir similhantes obras, Aveiro se tornará inteiramente infeliz e desgraçado, sendo este o unanime voto do Clero, Nobreza e Povo com o qual se conformou esta comarca, e determinou que no fim das assignaturas se copiasse o Officio da Secretaria de Estado dos Nogocios da Guerra e se extrahissem as necessarias certidões para as respostas e assignaram: =Gravito—Freitas—Silva—Soares.»

(Seguem-se 81 assignaturas da nobreza e povo da cidade).

Isto prova o desamor e injustiça com que foi tractado o illustre engenheiro a quem esta terra devia a abertura e fixidez da nova barra.

Para sobeja defeza do sr. Silverio Augusto Pereira da Silva bastará meditar-se por alguns instantes no acervo de contrariedades porque passou Luiz Gomes de Carvalho, que foi evidentemente um dos mais auctorisados e illustres bemfeitores d'esta cidade.

Algumas intrigas urdidas depois da abertura da barra em 1808

O primeiro superintendente das obras do porto d'Aveiro foi nomeado por Carta Regia de 31 de outubro de 1755 e desde 2 d'outubro de 1827 que exercia este logar o grande jurisconsulto José Homem Correia Telles. Pois que os negocios da barra não iam bem quanto a pessoal vê-se das queixas do capitão tenente da armada Joaquim [illegible] Celestino Soares, director das obras, ao governador civil José Joaquim Lopes de Lima em 21 de setembro de 1835.

«A'cerca do pessoal das Obras da Barra muito hei dito a S. Ex.ª o Major-General e conservando a mesma coherencia resumir-me-hei a dizer a V. S.ª que alem da ociosidade dos logares do Superintendente das Obras da Barra e seu escrivão que V. S.ª melhor do que eu verificará pelas attribuições administrativas que assumiu, o mesmo logar acha-se mal servido por ser José Homem Correia Telles, que ainda está dando execução á Portaria do governo usurpador que distrahiu o Real d'Ovar para as obras de um caes n'aquella villa.

«Que é tão decidido pelo governo tyranico que ainda conserva o barco da barra pintado de vermelho apesar de lhe haver representado que as côres nacionaes eram azues e brancas e emfim tão publico addido á usurpação que n'um despacho (affecto originalmente ao Quartel General da Marinha) lançou com desmascarada audacia:

—*Que nunca despediria criados fieis para admittir quem tivesse feito proezas na guerra*, sabendo, como se evidenciava dos documentos, que tinham sido obrados em serviço da Carta e da Rainha.»

E' portanto evidente que o director das obras andava em 1835 a ferro e fogo com o superintendente.

Se quizermos agora provar o descontentamento d'Aveiro contra os directores das obras da barra depois de Luiz Gomes, bastar-nos-ha consultar o registo dos officios expedidos para a Intendencia das Obras Publicas e ali encontraremos que a Camara e o Administrador Geral interino, em 1839, se queixaram ao governo do estado d'aquellas obras em termos tão violentos que o director-capitão de engenheiros, Firmino Lopes Moreira Freixo, foi demittido precipitadamente. Sendo reprehendido por meio de Portaria de 14 de fevereiro de 1839 para que se fizesse mais activo e vigilante, a 28 do mesmo mez recommendáram-lhe que se dirigisse amiudadas vezes á barra, e logo sem lhe darem tempo a emendar-se (se tinha de que) apezar de receber aquella Portaria só a 3 de março, foi exonerado a 13 d'este mesmo mez.

Isto deu logar a que o engenheiro demittido dissesse para Joaquim Antonio Vellez Barreiros, Intendente das Obras Publicas da Divisão do Centro:

«Dirigindo-me a V. S.ª pela ultima vez n'esta Commissão, eu não deixarei de agradecer a V. S.ª a bondade de que constantemente usou para comigo, não podendo deixar de lastimar que me privem de servir ás ordens de um chefe de commissão tão estimavel, *por motivos sem duvida muito alheios ao bem do serviço.*»

Alludia ainda ás interminaveis insidias, intrigas e enredos com que os frequentadores de soalheiros, os criticos, e os hydrophobos das terras pequenas costumam inquietar quem está tranquillo.

Onde se demonstra que a barra depois da sua abertura em 1808 tem muitas vezes estado em lastimosas circumstancias

A barra foi aberta no memoravel dia 3 de abril de 1808 e não é de admirar que ficasse então com uma profundidade de 18 a 22 palmos na baixa-mar e de 28 a 32 na praia-mar se se advertir que o córte da ria no ponto do marechão da Gafanha, e do actual paredão fez-se n'um fundo de 30 palmos (como se vê do mappa da ria de Aveiro, levantado por Luiz Gomes de Carvalho) interceptando-se as aguas que a duas legoas e meia para o sul iam demandar escassamente o Oceano.

Além d'isto é preciso attender a que as aguas estavam represadas dentro da ria em tanta quantidade que havia casas em Aveiro que estavam inundadas em 8 palmos de altura, o que deu uma velocidade enorme ás correntes na vasão.

Não é tambem de admirar que d'este modo em 13 de maio de 1809 aqui entrasse uma esquadra ingleza de 48 velas e ancorasse por 15 dias em frente da Praia da Senhora.

Pela ordem de 3 de agosto de 1809 mandava-se que Luiz Gomes regressasse ás obras d'este porto «para evitar o damno maior que podia resultar, quando immediatamente lhe não applicassem os reparos precisos.»

Em 1823 havia já uma grande animosidade contra o engenheiro, que abrira a barra, e senão veja-se o que diz *Marques Gomes* na introducção ao seu livro sobre a *Exposição Districtal de Aveiro em 1882*, onde ha este periodo significativo:

«*Tal era effectivamente* o estado da barra que alguns homens do povo e pescadores ameaçaram em 1823 a vida de Luiz Gomes, a quem referiam injustamente todos os seus males. Para o salvar, requereu então á Camara d'Aveiro que Luiz Gomes fosse mandado preso para o Porto ficando vago o seu logar na barra.»

Manuel Homem Corrêa Telles, superintendente das obras desde 2 de outubro de 1827, a 7 de abril de 1835 informava para o sub-perfeito da camara d'Aveiro:

«O acabamento d'este paredão parece interessante para que as aguas que se espraiam agora corram juntas e arrojem para o mar alto os *cabeços d'areia* que estão á entrada da Barra, que fazem a entrada e sahida *perigosas.*»

O officio do Ministerio do Reino—3.ª repartição, n.º 1853, liv. 3—mandou ao inspector interino das Obras Publicas da Divisão do norte no Porto em 18 de abril de 1838 que informasse ácerca de uma cortadura na praia a duas leguas ao sul da Foz do Vouga.

Depois da correspondencia trocada apura-se que a cortadura feita pelos temporaes tinha nove palmos na baixa-mar e quatorze na praia-mar; com mais de quarenta braças de largura.

Isto demonstra que não era lisongeiro o regimen das aguas da ria.

A 19 de junho de 1839 o tenente de engenheria Antonio José Gonçalves Chaves informa o intendente das Obras Publicas na Divisão do Centro que a barra corria ao Noroeste diminuindo de largura depois do rasgamento na direcção do paredão conservando a mesma profundidade com 10 a 11 palmos d'agua na baixa-mar.

«As areas levadas pelas correntes tem formado bancos no interior da ria, junto dos travezes ao Norte do Forte e no extremo do paredão ao sul d'aquelle, ao mesmo tempo que os reguladores do Norte da Barra vão sendo torneados pelas aguas.»

«O leito nimiamente desligado é com facilidade posto em movimento e modificando-se a cada instante faz variar a direcção das correntes, o que dá em resultado as alterações diariamente observadas no leito e margens da ria.»

E a 11 de agosto d'esse mesmo anno declarava que o rasgamento da barra com uma profundidade de 12 a 13 palmos permittia a navegação de *pequenas rascas.*

Façam favor de advertir.

Os esporões que pouco tempo depois da abertura da nova barra foi necessario estabelecer ao longo da margem do areal de S. Jacintho são uma prova evidente de que o desaguamento sobre o mar era irregular e não previsto, porquanto semelhantes obras de defeza não estavam designadas no projecto de Reinaldo Oudinot.

Em 1843 a barra tinha uma direcção norte oeste com o meio do canal a novecentos metros do paredão, contados para o norte d'este. Do mesmo paredão avançava para o norte um cabedello que seguia até 610 metros. Na bocca do canal existiam tres seccos e tinha aquelle a largura de mil e cem metros. No alinhamento do Fórte á capella da Senhora das Areias havia uma grande restinga que estreitava muito a calle do S. Jacintho, prolongando-se 960 metros com a largura média de 400 metros. A leste d'este secco existia outro mais pequeno.

Entre a ponte da Cambea e a Gafanha havia um grande rombo no dique que dava passagem ás aguas, que se distraíam velozes para a Vagueira, e tanto que o Domingos dos Santos Barbosa Maia (o Carrancho) em 1846 com rara energia vedou aquelle perniciosissimo córte.

Quem quizer contemplar retrospectivamente este desgraçado estado de cousas deve consultar a planta levantada em Agosto de 1843 pelo tenente de engenheria João Luiz Lopes.

A linha de navegação era n'essa epoca muito sinuosa e apresentavam-se desfavoraveis todas as mais condições do porto e da barra.

O major de engenheiros Agostinho Lopes Pereira Nunes que esteve á frente dos negocios da barra desde 1847 até ao dia 12 de novembro de 1856, em que falleceu, no seu relatorio de 21 de maio de 1849 exprimia-se assim:

«Não concluirei este relatorio sem levar ao conhecimento da Ill.ma Junta Geral do Districto que a Barra d'Aveiro acha-se hoje em um estado deterioradissimo, promettendo pouca duração á sua actual e insignificante navegação.»

Em 1853 o engenheiro Nunes escrevia em officio o seguinte:

«...A entrada e sahida d'estas aguas para o mar é *difficultada pela restinga de areias,* que existe sobre o Atlantico, e pelos ventos do norte, oeste e sul, com especialidade por este ultimo. Os ventos são ás vezes tão violentos, que destroem a velocidade das aguas da maré e do monte, fazendo variar o numero, a posição e profundidade das barras.

Actualmente existem *duas entradas ou barras,* uma d'ellas ao noroeste e a outra a sudoeste, com as larguras de 156 e 66 metros: as suas profundidades em baixa-mar nas marés vivas variam de 2,20 a 3,95, porem actualmente essa profundidade é apenas de 2,20 ditos.»

E tão verdade era estar a barra em lamentaveis e desgraçadissimas circumstancias que o governo mandou aqui de proposito, a 26 de setembro de 1855 o distincto dydraulico inglez John Rennie, o

qual escreveu a este respeito uma curta memoria.

Em 10 de maio de 1857 por iniciativa de José Estevão, houve na casa da Camara uma reunião de todos os proprietarios de marinhas afim de pedirem urgentemente ao governo que providenciasse ácerca dos inadiaveis melhoramentos d'este porto, que se achava em pessimas condições.

Alcançou-se então o subsidio annual de 15 contos de reis, que em 1865 deixou de ser concedido.

Desde novembro de 1856 a junho de 1858 esteve a direcção das obras da barra a cargo do engenheiro Augusto Maria Fidié, o qual levantou uma planta (vide boletim do ministerio das obras publicas n.º 9 de setembro de 1860) que felizmente dá conta das precarias circumstancias do porto de Aveiro.

A portaria de 30 de junho de 58 encarregou então da direcção das obras o sr. Silverio Augusto Pereira da Silva, que porisso apresentou logo a 31 de dezembro d'esse anno um projecto dos melhoramentos indispensaveis.

Estado miserrimo da barra ao tempo que o sr. Silverio A. Pereira da Silva tomou conta da direcção das obras

Da extremidade do mólhe ou paredão, seguia para o norte um cabedello de areia que chegou a crescer n'aquelle rumo cerca de 960 metros!! As aguas incidindo sobre a costa de S. Jacintho determinavam uma falsa direcção e iam cortar o mesmo areal junto ao mar. Os navios eram obrigados a descrever um perfeito S.

Estas condições da barra estão representadas na respectiva planta que acompanhou o relatorio de 16 de agosto de 1861 e foi desenhada a paginas 389 do *L.º 8 da Despeza e trabalhos das Obras da Barra*, relativo ao anno economico de 1882 a 1883.

«...O assoriamento em frente do canal da barra, que se vê marcado na ultima planta que remetti, havia avançado para o norte á distancia de 870 metros de alinhamento do paredão do sul; as aguas na vasante, encontrando aquelle obstaculo, voltavam asperamente sobre o norte, cortavam a ponta da costa em S. Jacintho, e estabelecia-se outro ricochete sobre o sul.

Na enchente as vagas batiam pelo poente o córte em curva muito pronunciada do lado do poente da costa de S. Jacintho e não podendo entrar na direcção rectilinea pelo canal, resultava a falta d'aguas na barra.

Este assoriamento era a causa de uma variação constante no regimen das aguas na bocca da barra, e a sua marcha progressiva para o norte fazia receiar muito pelo estado da barra, onde, as cousas continuando assim, *não entraria em pouco tempo a mais pequena embarcação, correndo-se alem d'isso o risco de ser cortada a costa de S. Jacintho.*

Officio de 27 de julho de 1859 para o governo—Silverio».

—

«...A barra estava embocada a N. N. O., muito estreita, e apesar de isso com pouco fundo, e a corrente assim na vazante como na enchente cortava pelo poente a costa de S. Jacintho, cujas arieas a pique indicavam bem a tendencia das aguas a continuarem a escaval-as. *Com esta disposição não entrava pela barra senão um diminuto volume de aguas, insufficientes para o fabrico do sal nas marinhas*, de que tanto abunda a bacia d'Aveiro, e muitas d'estas pela falta d'agua estavam no risco de não poder produzir quantidade alguma d'aquelle genero, que constitue a principal riqueza d'esta terra. *As marés apenas eram sensiveis a poucos kilometros da barra*, e a navegação interior tambem soffria por esta circumstancia.

Officio de 3 de outubro de 1859, para o governo—Silverio.»

Para obviar a tão calamitosa aberração, foi que o sr. Silverio projectou e executou o mólhe do norte, feito de faxinagem e estacaria na extensão de 296 metros, do custo de 15.500$000 reis, de modo que a 11 de setembro de 1859 já as aguas rectificadas tinham profundado o novo ou antes o restaurado canal, dando n'esse dia ingresso á primeira embarcação. No dia 26 sahiram logo 9 navios com carga quasi completa, e a 13 de dezembro a barra attingiu 3,96 metros na baixa-mar. A 8 de fevereiro de 1860 sahiu o brigue *Rio Vouga* em 4,03 metros, tendo já a barra 4,80 metros no banco. No dia 13 de fevereiro entrou o vapor *Vasco da Gama* que sahiu 7 dias depois com laranja. A 2 de março deu aqui entrada outro vapor inglez *D. Pedro* e muitos outros navios de vela e vapor que nunca tinham entrado n'este porto n'elle fundeáram.

O desnivel das marés que em Aveiro era de 0,31 a 0,5 e que em Ovar quasi se não percebia passou a 0,81 differença média entre a praia-mar e a baixa-mar.

Estas foram immediatamente as obras felizes com que o sr. Silverio A. Pereira da Silva se estreiou, e que lhe valeram a Portaria de louvor de 8 de setembro de 1859.

Como ha muita gente desmemoriada em Aveiro, lembramos estes incidentes da questão.

MELLO FREITAS.

PARNELL

Chefe do partido irlandez

O celebre agitador tem cerca de 40 annos; usa a barba toda; tem os olhos pequenos e a fronte pouco espaçosa. E' magro de compleição debil, e melancolico de caracter.

A mãe, americana de nascimento e de educação, filha do almirante Carlos Stewart, como que deu ao filho todas as suas qualidades. Parnell é de uma familia ingleza de origem, e notavel ha mais de um seculo no partido autonomista. Carlos Stewart Parnell usa uma cortezia glacial para com todo o mundo; está sempre com o mesmo imperturbavel humor, e dá provas de um espirito pratico.

A sua unica paixão é a mechanica. Não lê mais jornaes que o *Engineering*, diario dos engenheiros. Os seus maiores gozos consistem em estar só, fumar e entregar-se á mechanica de phantasia. Servem-lhe tanto os seus defeitos como as suas qualidades, entre as quaes domina sobretudo a teimosia.

E tanto assim é que foi expulso da Universidade de Cambridge por não querer explicar o motivo porque esbofeteou um dos seus condiscipulos.

Ha dez annos que foi pela primeira vez ao parlamento, por Meath, que representou até 1880, sendo depois eleito por Maeth, Mayo e Cork, optando por este ultimo circulo.

As tres quartas partes dos circulos eleitoraes irlandezes tel-o-iam eleito agora seu representante se elle assim o desejasse, mas contentou-se em se apresentar por Cork.

O seu plano politico, reduz-se ao seguinte: aproveitar todas as circumstancias favoraveis para conseguir a separação da Irlanda da Inglaterra, e chegar á independencia absoluta; accitar implicitamente todas as concessões, para depois que estejam seguras, declarar que são insufficientes.

Arauto das Salas

Fazem annos

A 26, os ex.mos srs. Amadeu de Faria Magalhães e Polycarpo d'Almeida Gusmão.

A 27, a ex.ma sr.ª D. Olympia Mesquita.

A 28, o filhinho do ex.mo sr. Gustavo Ferreira Pinto, de nome Egas.

A 1 de março, o exm.º sr. João Xavier de Moraes Cabral.

A 2, a ex.ma sr.ª D. Luiza Georgina Angelica de Mello.

Resenha telegraphica

* A 15.—Chegou a Panamá o general Souto Domingo Vela, chefe do estado sob o novo regimen.

* A 16.—Russia não acceitará subordinação do exercito bulgaro á Turquia. Ministro allemão, Athenas, entrega a Delyanni nota de Bismarck sobre desarmamento Grecia. Desaba ala edificio exposição naval Liverpool.

* A 17.—Chegada de Alexandre da Bulgaria a Philipopolis; enthusiasmo. Conselho municipal Paris insiste governo para que haja a exposição internacional.—Gladstone declarou camara communs que não tenciona pedir renovação leis repressivas Irlanda, e espera dizer antes de 22 março todos projectos questão irlandeza.

* A 18.—Tropas egipcias derrotam rebeldes Kordofan. Manifestação socialista com bandeiras vermelhas em Darmstadt, Allemanha, no cemiterio; interveio a policia.

* A 19.—Commissão da camara deputados, França, repelle a proposta expulsão dos principes. Em armas 5 mil sublevados, Montevideu, por causa successão á presidencia republica. Queda do ministerio regenerador, chamados os progressistas, Lisboa.

* A 20.—Esquadra russa chegou já a Suda na demonstração naval á Grecia. Robiland ministro estrangeiros, Italia, diz camara deputados que na questão republicas hespanholas America se servirá 1.º dos arsenaes diplomaticos e depois talvez d'outros.

* A 21.—Comicio socialista de 20 mil pessoas em Hyde-Park; a cavallaria da policia carregou; muitas prisões e disturbios.

* A 22.—Holguin, ministro da Colombia em Madrid e Londres protesta no «Matin» centra tenções da Italia occupar um porto columbiano do Pacifico.

* A 23.—Jeronimo Bonaparte dirige carta ás duas camaras, França, contra o projecto expulsão «principes» que diz ser uma verdadeira «suspeição» politica. Muitos operarios procuram Chamberlain, Londres, e pedem-lhe favoreça projecto de grande emigração visto que o paiz os não sustenta.

* A 24.—A Grecia parece resolvida a ceder ás instancias das potencias.

Chronica local

O sr. Mendes Leite

Pediu a sua exoneração de Governador Civil.

O sr. Arthur Ravara

—Na sexta-feira, 19 do corrente, esteve entre nós o nosso particularissimo amigo o sr. dr. Arthur Ravara, nosso patricio, distincto clinico da capital, medico da casa real, que veio de Lisboa expressamente para ver o ex.mo sr. Francisco Manuel Couceiro da Costa, que se achava então bastante doente.

Partiu logo no comboio da noite. Foram muitas pessoas acompanhal-o á estação do caminho de ferro e entre ellas lembra-nos de termos visto os srs. Conselheiro José Ferreira da Cunha, Sebastião de Carvalho e Lima, Alexandre Ferreira da Cunha, Duarte Ferreira Pinto Basto, Gustavo Ferreira Pinto Basto, Antonio Augusto Sousa Maia, Carlos da Silva Mello Guimarães, João da Silva Mello Guimarães, José Moreira, Manuel J. Marques Tavares, Arnaldo A. Alvares Fortuna, P.e Jacintho Tavares da Silva, Antonio Cardozo, Manuel Antonio Loureiro de Mesquita, Antonio Pereira Junior, Pedro Conceiro da Costa, Francisco de Pinho Guedes Pinto, Domingos Cardoso, João Bernardo R. Junior, Elias Fernandes Pereira, Jeronymo Baptista Coelho, dr. Joaquim Rocha, Francisco da Silva Carvão, Domingos dos Santos Gamellas, Domingos Leite, João Cunha, João Leitão, José Pinto, José Trindade, etc., etc.

—

ARTHUR RAVARA, sem tempo para agradecer pessoalmente as numerosas visitas que recebeu durante a sua curtissima estada em Aveiro, serve-se d'este meio, protestando a todos o seu reconhecimento.

O sr. dr. João J. Pereira de Sá

Foi concedido o augmento do terço do ordenado a este illustrado professor do nosso lyceu.

Francisco d'Almeida Brito

Foi nomeado secretario particular de s. ex.ª o sr. Ministro do Reino. Damos parabens áquelle nosso talentoso amigo.

Por causa do monumento de José Estevão

Veiu ha dias a esta cidade o sr. Simões d'Almeida, distincto esculptor da capital.

Pedidos de demissão

Já os fizeram os srs. Administradores dos Concelhos de *Sever*, Manuel Henriques da Rocha, de *Albergaria Velha* Joaquim Antonio de Miranda, e seu substituto Antonio Fortunato de Almeida, de *Ovar* Domingos Manuel d'Oliveira Aralla e seu substituto Antonio Joaquim de Oliveira Valente, da *Feira* Victorino Joaquim Correia de Sá e seu substituto João José Godinho Junior.

Inspecção de cavallaria 10

S. Alteza o infante D. Augusto tem continuado a rigorosa inspecção do regimento de cavallaria, e mostra-se satisfeito pelo modo porque o serviço tem corrido.

Damos os parabens a todos os briosos officiaes que organisaram o regimento aqui estacionado.

Incendio

Em a noite de 24 pela uma hora, o sino da cadêa deu signal de fogo. Era n'um alpendre do sr. Antonio Ferreira Felix. Compareceram os bombeiros voluntarios, mas o incendio, que fôra produzido por um deposito de cal junto de alguma madeira, fôra já promptamente dominado pelos srs. José Belmonte Pessoa e José Trindade, que trabalharam ali com muita energia e dedicação.

Donativo ao Asylo de José Estevão

O nosso particular amigo o sr. prior de Villarinho, Joaquim Gomes dos Santos deu áquelle estabelecimento de caridade a quantia de 4500 reis. Bem haja.

Fallecimentos

Morreu na Arrifana o sr. José Maria Rebello.

—Morreu, a 23, o sr. Basilio Matheus de Lima, que era um excellente caracter.

A toda a sua familia damos sentidos pezames.

Cães collectados

A camara d'Ilhavo collectou os cães com a taxa de 500 reis cada um. Quem paga são os donos, se n'isto não houver segundo *cão*.

Cirurgião-mór

Para cavallaria 10 foi nomeado o sr. José Antonio d'Anciães Proença.

Entradas de navios

A 19, o patacho sueco *Ragnar*, e a galiota dinamarqueza *Gefium* que forçou a barra apezar dos tiros que lhe fizeram do forte.—A 21 entrou tambem o patacho norueguez *Margreth*.

Doentes

As ex.mas sr.as D. Maria Thereza Faria de Mello, e D. Rosa Regalla de Moraes.

AGRADECIMENTO

Antonio Ferreira Felix Junior, negociante d'esta cidade, tendo recebido provas de sincera estima de numerosos amigos, não só aos que o auxiliaram na extincção do incendio de que ia sendo victima na noite de 24 do corrente, como aos que o visitaram, mostrando lhe a sua amisade, a todos reconhecido sinceramente agradece, e protesta a sua eterna gratidão.

EMULSÃO SCOTT

Recommendamos aos doentes do peito, da garganta, dos pulmões, aos anemicos, aos fracos e a todos aquelles que necessitam d'um bom reconstituinte, a *Emulsão de Scott*, que tão magnificos resultados está dando, segundo o testemunho de todos aquelles que tem usado do dito preparado.

Correio de noticias

Queda do gabinete regenerador

Desde terça-feira da semana passada que estava agonisante aquelle minirterio cahindo a 19.

Os socialistas inglezes

A associação democratica federalista, alma do movimento que n'este mez tem agitado os operarios da maior parte do Reino Unido, fundou-se em 1871 com o fim de favorecer a propaganda da revolução social.

Formularam d'este modo as suas aspirações e desejos:

1.º—Casas baratas para operarios.

2.º—Educação gratuita para as creanças de todas as classes da sociedade.

3.º—Reducção a oito horas de trabalho para todos os officios.

4.º—Imposto progressivo sobre os rendimentos superiores a 300 libras.

5.º—Passagem dos caminhos de ferro para o Estado, com ou sem compensação aos accionistas.

6.º—Creação de bancos nacionaes para acabar com os estabelecimentos particulares d'esta indole.

7.º—Rapida extincção da divida nacional.

8.º—Passagem para o Estado da propriedade agricola e organição debaixo da sua intervenção de exercitos agricolas e industriaes que trabalhem segundo os principios da cooperação.

Os novos ministros

Presidente do conselho de minisnistos e ministro do reino: José Luciano de Castro, deputado da nação, director geral dos proprios nacionaes, nomeado conselheiro d'estado effectivo, na vaga do general Caula; antigo vice-presidente do partido progressista, desde que este se constituiu pela fusão das duas facções historica e reformista, actual chefe e presidente do mesmo partido, antigo ministro da justiça e do reino, sendo a segunda vez que é encarregado d'esta ultima pasta; redactor do jornal juridico o *Direito*, antigo redactor do *Jornal do Porto* e auctor de varias publicações economicas e de jurisprudencia. A sua larga carreira na politica parlamentar e no funccionalismo tornaram-no bem conhecido de todo o reino.

Ministro da fazenda: Mariano Cyrillo de Carvalho, lente da escóla polytechnica de Lisboa, director e vice-presidente da companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, vogal do conselho superior de instrucção publica, redactor principal do *Diario Popular* e do *Correio Portuguez*, um dos fundadores do antigo partido reformista, deputado em muitas legislaturas e escriptor politico dos mais conhecidos.

Ministro dos negocios estrangeiros: Henrique de Barros Gomes, director do Banco de Portugal, ministro da fazenda no primeiro ministerio progressista, antigo deputado e antigo director da Associação commercial e da Sociedade de geographia, auctor de diversos escriptos economicos. A sua ultima obra é a historia do monumento ao marquez de Sá da Bandeira. Pertenceu ao partido reformista.

Ministro da guerra: Januario Corrêa de Almeida, primeiro barão e primeiro visconde de S. Januario, coronel do corpo de estado maior, antigo governador de Cabo Verde, Funchal, Braga, Porto, India e Macau, antigo ministro plenipotenciario em missão extraordinaria ás republicas hespano-americanas, e na China e Japão, primeiro presidente e actual presidente honorario da Sociedade de geographia de Lisboa, antigo ministro da marinha e ultramar, antigo deputado e actual par do reino; auctor de varias publicações coloniaes; antigo membro do partido historico.

Ministro das obras publicas: Emygdio Julio Navarro, bacharel em direito, secretario do tribunal do commercio de Lisboa, redactor principal das *Novidades* e do *Primeiro de Janeiro*; antigo advogado, deputado em varias legislaturas, e escriptor politico bastante conhecido.

Ministro da marinha e ultramar: Henrique de Macedo Pereira Coutinho, bacharel em mathematica, lente da escóla polytechnica, astronomo no observatorio de marinha, vogal do conselho superior da instrucção publica, antigo deputado e actual par do reino, um dos negociadores do ultimo accordo politico entre o governo regenerador e o partido progressista.

Ministro da justiça: Francisco Antonio da Veiga Beirão, bacharel em direito, advogado e conservador do registro predial em Lisboa, deputado em differentes legislaturas, antigo membro do partido reformista.

(*Diario de Noticias.*)

Definições interessantes

Diabo—Deus pelo avesso.
Piano—Caixão de musica.
Gelo—A errata do calor.
Encadernador—O alfaiate dos livros.
Alfaiate — Encadernador dos homens.
Quarto de dormir— O unico tumulo em que se opera a resurreição da carne.
Sol—Um olho á procura de cara.
Barro—A materia prima da carne.
Tolice—O espirito dos outros.
Espirito—As nossas tolices.
Couce—O ponta-pé dos burros.
Ponta-pé—O couce dos homens
Diccionario—Botica da lingua.
Cocix—O iman do ponta-pé.
Chinó—Illusão dos calvos.
Corpo humano—Enveloppe da alma, sobrescriptado aos vermes.

Os nossos amigos de Peniche

A camara de Peniche assignou, a 18 do corrente, uma representação pedindo annexação do concelho ao districto de Lisboa, resolvendo encarregar uma commissão para apresental-a ao parlamento. Grande enthusiasmo. Veio um officio do governador civil de Leiria, que dizem que acirrou os animos.

Muito mal! Se os concelhos andassem a saltar de districto em districto teriamos a contradansa ou polka da anarchia administrativa.

CINCO CHALAÇAS

—Será possivel que penses em tornar a casar-te?

—E'; mas olha que caso com uma cunhada.

—Que importa isso?

— Importa muito. Parece-te pouco conseguir ter duas mulheres distinctas e uma unica sogra?

*

—Boas tardes, tio Joaquim! quem o havia de dizer! não somos nada n'este mundo! Mas sem mais *aquellas*, quem é o defunto, é vocemecê ou o seu irmão?

—Quem ha de ser, tio Fulgencio! senão o pobresito de meu irmão. Se fosse eu, para que havia de negal-o a vocemecê?

*

—Desbocou-se-me o cavallo, e elle ahi vai n'uma corrida medonha, horrivel, endiabrada...

—E tu?

—Eu socegado no meu posto!

—Homem!...

—Pois se era o meu creado quem o montava...

*

Em audiencia correccional.

O juiz a uma joven testemu-

—O seu estado? De que vive?

A joven hesita um instante e responde:

—Eu sou... amavel, sr. juiz.

*

Duas maldizentes:

—E's formosissima, dizia Clara a Etelvina, só tens uma bocca como tem todo o mundo.

—E tu, minha querida amiga, tens uma como ninguem tem.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

GRANDE DEPOSITO DE

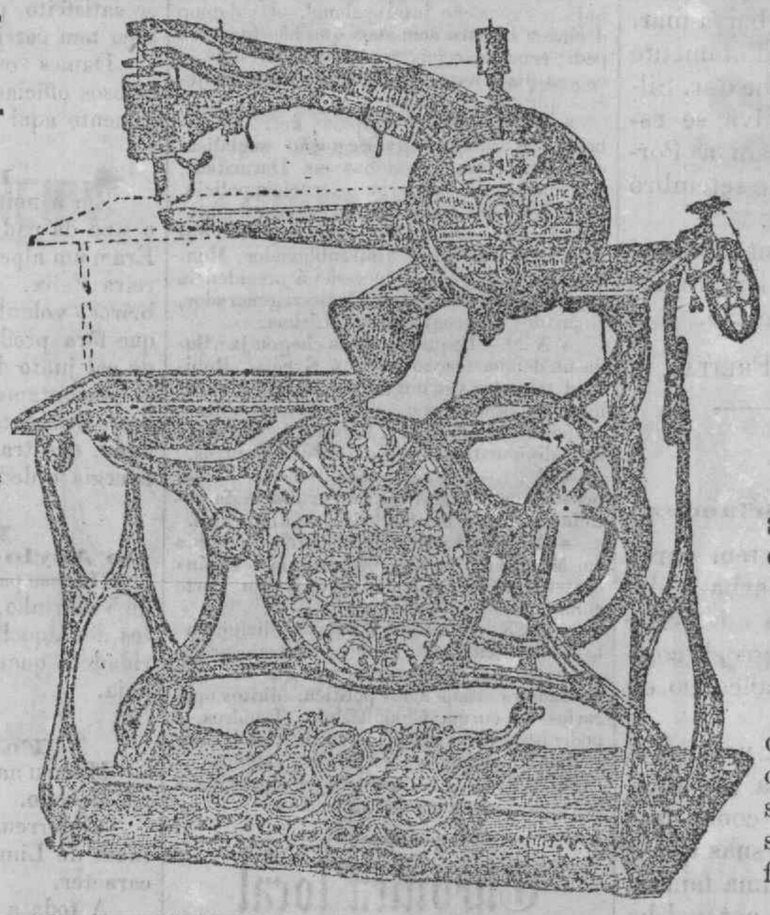
CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES

RUA DIREITA—AVEIRO

Participa aos seus amigos e ao publico de Aveiro e arredores, que acaba de abrir um importante deposito de MACHINAS DE COSTURA as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A *MEMORIA* (especialidade que mais recommenda), é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela solidez e variedade de trabalhos que executa, supplanta toda e qualquer machica que se tem vendido em Aveiro.

A *MEMORIA*, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 onde foi a UNICA MACHINA DE COSTURA que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.



MACHINAS DE COSTURA

CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES

RUA DIREITA—AVEIRO

A MEMORIA vende-se a prestações de **500** réis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto aos compradores de prompto pagamento.

PREVENÇÃO

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pela sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços, que difficilmente outras casas do mesmo genero poderão competir.

DOMINGOS LUIZ VALENTE D'ALMEIDA

COM

OFFICINA DE SERRALHERIA

AVEIRO

ESTA officina fornece os mais importantes estabelecimentos de ferragens, taes como dobradiças, fixas fechaduras, pedrezes de todos os tamanhos, etc., etc.

Tem tambem um grande sortido de fechaduras da Allemanha, França e Inglaterra assim como todos os pertences a branco.

Grande sortido de parafuzos de todos os tamanhos, pregos de arame, chumbo em barra, bicco de ferro, de cobre e de zinco.

Um grande sortimento de fogões desde 5$000 reis para cima.

GRANDE variedade em panellas de ferro, e de todos os tamanhos.

Preços e descontos sem competencia

ATTENÇÃO

Continuando alguns negociantes de machinas de costura a propalar que a **Companhia Fabril Singer** perdeu 81 contos com a casa Frister & Rossmann, temos a declarar que isso é inteiramente falso, porquanto a **Companhia Fabril Singer** nunca teve questão alguma com aquella casa, mas sim, pelo contrario, com muitas outras por abusarem do seu nome **Singer**, para á sombra d'ella enganarem o publico e poderem fazer o seu negocio, sendo uma d'ellas a casa Hermann Loog, que veio a um accordo com a **Companhia Singer**, pagando aquella casa metade das custas, e com a condição expressa de retirar das suas machinas a palavra **Singer** que tão indevidamente usava, e por cujo motivo a **Companhia Singir** lhe intentou acção.

O publico deverá dar o verdadeiro valor que merece, se examinar os taes documentos AUTHENTICOS E COMPROVATIVOS, pois nem estão reconhecidos pelo nosso consul em Londres, nem legalisados pelo Ministerio dos Negocios Estrangeiros, não passando esses documentos d'um mero sophisma sem valor algum senão para mais uma vez quererem illudir o publico.

Se fazemos esta declaração, não é porque liguemos a menor importancia aos falsos e ardilosos annuncios, publicados por esses negociantes de má fé, e invejosos de grande credito e estima que em todas as partes do mundo dão ás nossas tão apreciadas machinas de coser, mas sim em attenção ao publico, que sempre nos tem honrado com os seus favores e preferencia; e tanto isto é verdade que, para poder dar cumprimento aos grandes pedidos que diariamente recebe a **Companhia Fabril Singer** acaba de inaugurar uma nova fabrica em Hilbowie, onde se fabricam DEZ MIL MACHINAS POR SEMANA, que juntas ás outras dez mil que produz a fabrica de Nova-York, prefazem VINTE MIL, fabricadas semanalmente, devido tudo isto á grande procura que por toda a parte tem as suas machinas.

COMPANHIA FABRIL SINGER

75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79

AVEIRO

Pegado ao edificio da Caixa Economica

Venda de casas

Sitas na rua da Sé, e pertencentes a Luiz Gonçalves Moreira. A tractar com o mesmo, na Barra.

ACABA DE SAHIR A LUZ O 1.º VOL.

DO

DICCIONARIO UNIVERSAL

DE

EDUCAÇÃO E ENSINO

POR

E. CAMPAGNE

DIRECTOR DO COLLEGIO

Trasladado a portuguez e ampliado nos varios assumptos relativos a portugal por CAMILLO CASTELLO BRANCO

Nova edição portugueza illustrada. Consideravelmente augmentada com um crescido numero de artigos coordenados dos principaes escriptores de pedagogia por JOSE' NICOLAU RAPOSO BOTELHO.

Preço por assignatura..... 3$400 rs.

Ainda se tomam assignaturas ás cadernetas, de 200 reis cada uma, em todas as livrarias e na Livraria Internacional de Ernesto Chardron, casa editora, LUGAN & GENELIOUX, successores.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS

PARA AS FAMILIAS

Preço da assignatura

Um anno.....	4$000
Seis mezes.....	2$100
Numero avulso.....	200

Agente em Portugal—Ernesto Chardron Porto.

EMULSÃO DE SCOTT

De Oleo Puro de FIGADO DE BACALHAO COM Hypophosphitos de Cal e Soda.

E tão agradavel ao paladar como o leite.

Possue todas as virtudes do Oleo Simples de Figado de Bacalhao e tambem as dos Hypophosphitos.

Cura a Phthisis,
Cura a Anemia,
Cura a Debilidade em Geral,
Cura a Escrofula,
Cura o Rheumatismo,
Cura a Tosse e Sezões,
Cura o Rachitismo das Crianças.

E receitada pelos medicos, é de cheiro e sabor agradavel, de facil digestão, e a supportam os estomagos mais delicados.

A venda nas boticas e drogarias

Agentes, *James Cassels & C.ª*, Moustinho da Silveira, 127—1.º—Porto

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de João B. Ribeiro Junior.

BANCO DE PORTUGAL

PREMIO OFFERECIDO

4:500$000

O BANCO DE PORTUGAL offerece um premio de **1:000 LIBRAS** a quem descobrir quem foi o author ou authores do roubo de 10:000 soberanos e joias, recentemente verificado na sua **CAIXA FILIAL DO PORTO.**

Qualquer participação com o fim acima referido póde ser dirigida ou á séde do Banco em Lisboa, ou á administração da **Caixa Filial no Porto.**

Banco de Portugal, em 15 de fevereiro de 1886.

PELO BANCO DE PORTUGAL

Os Directores,

Joaquim Filippe de Miranda.
Gabriel José Ramiro.

AVEIRO — *Typographia da EPOCA*
Rua de Jesus—11